Trivium: Estudos Interdisciplinares, Ano XVII, no.1. p. 129-132
DOI: https://doi.org/10.61565/trivium.i1.394

O desmembramento em *Cabra Marcado para Morrer**

The dismemberment in *Twenty Years Later*

Le démembrement dans *Vingt Ans Plus Tard*

Comentário crítico do filme Cabra Marcado para Morrer.

*Maria Clara Prado**

A palavra pronunciada faz reviver a narrativa — e reviver a narrativa é resistir. *Ainda Estou Aqui*, o novo filme de Walter Salles, prova isso ao correr o Brasil e o mundo. Nele, Fernanda Torres ressuscita Eunice Paiva, mulher que precisou se reconstruir após a ausência forçada do marido, morto pela Ditadura. Mas Walter Salles não foi o primeiro a nos entregar uma Eunice. Quarenta anos antes, Eduardo Coutinho nos apresentou Elizabeth Teixeira.

Em "Vitória sobre a Lata de Lixo da História", Jean-Claude Bernardet usa, com frequência, as palavras "detritos", "derrotas", "fragmentos", "vestígios" e "estilhaçamento" para se referir à espinha dorsal de "Cabra Marcado para Morrer". Concordo com todas elas, e prevalece no documentário de Coutinho a sensação de uma estrutura cuja forma são os próprios fragmentos — da vida e do filme; do corte de 1964, da retomada em 1984, da passagem de tempo na fisionomia dos personagens, das mortes e das consequências de tudo. Porém, durante a leitura do texto, senti falta de uma expressão que fosse mais espicaçante, que se conectasse mais diretamente àquilo que senti assistindo ao filme. Assim, creio que *desmembramento* é a palavra que eu usaria, sem hesitar, para falar sobre o *Cabra. Desmembramento* vai além da fragmentação ou do estilhaçamento, e traz a ideia de ruptura violenta, física e emocional.



O Martírio de Hipólito, de Dirck Bouts.

No século XVII, o desmembramento era uma punição comum, geralmente aplicada a regicidas. "As pernas e os braços do condenado eram acorrentados a quatro cavalos, que eram

*Direção: Eduardo Coutinho/ Roteiro: Eduardo Coutinho/ Data de lançamento: 1984 (Brasil) (Disponível em DVD. Possível assistir no link: https://youtu.be/DAPs2Jw6R3k?si=sFL2aNgnMSaIZhPJ

*Graduanda em Estudos de Mídia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
ORCID Id: https://orcid.org/0009-0002-5217-7687
E-mail: mclara.prado.ars@gmail.com

então comandados a puxar, puxar e puxar até arrancar todos os membros" (SOARES, Jéssica. 6 penas de morte bizarras. Superinteressante).

Fiquei com a sensação de que esse *desmembramento* percorre o *Cabra* como um todo, tanto em sua estrutura "(…) É a própria forma da história derrotada (…) a tarefa é reatar e juntar os pedaços — sem perder a noção de fragmento" (Bernardt), quanto em seus personagens, quanto no destino de seus personagens, quanto na metáfora da "ponte", de Bernardet, "que não elimina a ruptura". Em uma analogia, digo que cada aspecto do filme é como um membro separado: uma perna cortada fora se refere à montagem, que nasceu a partir do Cabra 64/ficção e do Cabra 84/documentário. A outra perna pode se referir à estratégia do diretor-como-personagem, ou do uso de seus três narradores. Se quisermos ir atrás de um dos braços, temos a linha narrativa dos filhos perdidos, espalhados pela violenta ruptura. Se quisermos achar o outro braço, pode ser o esquerdo, temos Mariano, o homem que fez o papel de João Pedro Teixeira.

Mas digamos que esse braço (o que se refere a Mariano) foi levado pelo cavalo para muito longe, bem mais longe do que os outros membros. Custou a ser captado, mas foi feito. Esse braço, que é a linha narrativa do Mariano, passado muito tempo, mudou completamente, se putrefez: esse braço não mais se identifica com a causa das ligas camponesas.

Ou seja, observo pequenos desmembramentos naquilo que já foi desmembrado, e, no *Cabra*, há *sempre* o desmembramento. E mesmo que os membros espalhados sejam recolhidos, reunidos, haverá sempre a marca da costura.

Na minha opinião, é justamente a (extremamente) visível marca da costura que torna *Cabra Marcado para Morrer* um filme genial. Coutinho se utilizou da perda, da interrupção das filmagens, e trabalhou sobre ela, de modo que o *Cabra* não é um Frankenstein desproporcional no mundo, mas sim uma criação que funciona em si mesma, que serpenteia em sua própria linguagem. Como disse Bernardet: "(…) a cena é antes descrita e a metáfora brota dela; em vez de se impor, ela brota frágil sem assumir o caráter de mensagem fechada". Mas insisto no *desmembramento*, pois acho que é um termo que se estende para além da forma do filme, e que pode ser aprofundado.

Os cavalos do século XVII que ajudaram a romper os membros dos regicidas não o fizeram sem alguma força — ou então essa pena de morte não mereceria tal nome. A diferença entre o "desmembramento" e o "estilhaçamento", de Bernardet, é, na minha opinião, justamente a violência e o horror que a primeira palavra carrega já nas sílabas, e que a outra apenas sugere. Se pensarmos num vidro que se estilhaça, poderia até mesmo ser uma imagem bonita, dos cacos que se espalham no chão, pipocando angulosos, como se fossem estrelas. Agora, aquilo que se *desmembra* me parece sempre acompanhado de sangue.

É inevitável, na minha condição como mulher, não elevar a imagem de Elizabeth Teixeira e não lhe dedicar, exclusivamente, algumas linhas. Creio que falar de Elizabeth Teixeira é falar um pouco sobre todas as mulheres, da Mulher Universal, mas também dessa 'personagem', individualmente.

As antigas religiões agrárias de locais como o Crescente Fértil, tinham como principal divindade a Grande Mãe, uma Deusa voluptuosa que era o *axis mundi*, o eixo do mundo, daquela sociedade. Ela representava a energia que sustinha todo o ciclo do universo. Elizabeth Teixeira era o *axis mundi* de sua família, e acho inevitável compará-la a essa Grande Mãe, ainda mais por ela, Elizabeth, ter extrapolado as fronteiras de um "papel" materno e ter se estendido ao político-social através do sacrifício.

Tudo isso foi feito com o corpo. As estatuetas femininas do paleolítico, as primeiras Vênus, operavam o divino *em si mesmas*, a partir de sua própria natureza (de seu próprio *corpo).* O de Elizabeth sofre o tempo e cria um comovente contraste no filme 64/84. Daí que

denominar papéis a Elizabeth Teixeira é apenas uma maneira de organizar a multiplicidade do que ela foi; daí, também, que assumir o desmembramento de sua vida — cada cavalo levando para longe, *para fora de Elizabeth*, o marido, os filhos, seu nome de batismo, sua identidade, sua cidade, seu lar, sua paz — é falar sobre um desmembramento físico, mas também metafórico, e, sem dúvida, em todos os níveis, doloroso.

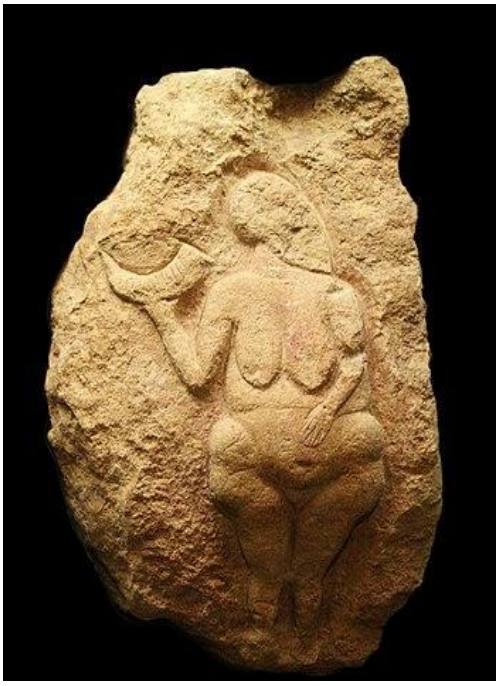


Elizabeth Teixeira, cena de Cabra Marcado para Morrer

E acho que essa palavra se manifesta na imagem acima, quando Elizabeth rememora o que lhe aconteceu. Os olhos ficam úmidos, mas não baixam. A boca se contorce na necessidade de permanecer firme, apesar das lágrimas. A morte de João Pedro Teixeira foi a sentença de Elizabeth: a partir dali ela viveu uma série de desmembramentos: da família, da vida, de si mesma, das coisas que conhecia. Ainda assim, e então retorna à minha mente a imagem da Deusa Agrária, Elizabeth, uma senhora (ou *Senhora*), no Cabra 84, rodeada pela comunidade, o filho Abraão ao seu lado como um tipo de porta-voz-protetor e consorte, e ela voltada para si mesma. Agora, Marta, mesmo assim parece ser o *axis mundi* daquela pequena reunião em São Rafael. Mesmo clandestina, Elizabeth opera esse eixo a partir de si mesma, eixo que lhe impulsionou, talvez, a falar no comício depois da morte do marido; eixo que pode tê-la feito mandar uma carta para a filha; eixo que lhe fez aceitar falar com Coutinho, 17 anos mais tarde, em risco. E esse eixo o era a partir de seu corpo desmembrado.

Não consigo descentralizar o espírito da ideia de que Elizabeth Teixeira é o *axis mundi* de *Cabra Marcado para Morrer*; não como personagem principal, mas como Aquela que Carrega no Corpo a metáfora que brota do filme: desses cabras que são marcados para morrer, que efetivamente morrem; que, ironicamente ou mesmo pelo arranjo da vida, a sua morte (desses cabras) provoca uma marca que fica. Mas a cicatriz dói em quem permanece vivo — a sobra de pessoa que resta para aguentar o deixar-de-existir-forçado de outra.

A Vênus de Laussel na imagem acima carrega uma cornucópia marcada com traços que teoricamente indicam as fases da lua. A cornucópia é vida, é abundância; a lua é o astro que morre na própria sombra e que depois renasce. A lua se transforma a partir de si mesma, num ciclo de morte e renascimento. O Cabra de 64 morreu e voltou 17 anos depois. A ficção de 64 não se completou, morreu no que era — e renasceu na montagem final do filme como a mesma, e ainda como uma outra coisa. O Mariano de 64 era o João Pedro e seus ideias; o Mariano de 84, não.



Vênus de Laussel, 20.000 a 27.000 a.C. aproximadamente

Elizabeth Teixeira se transmuta em Marta; uma parte de sua identidade se desfaz. Ela perde os filhos; fragmentos do seu "ser-mãe" também se vão. Mas, ao reencontrar Coutinho, essas partes "mortas" ressurgem. Ela fala, libertando-se e reformulando-se, e segura a cornucópia narrativa em suas mãos. Seu corpo, antes desmembrado, agora está unido por uma costura cuidadosa, que se faz a partir da nomeação, da palavra pronunciada. No entanto, essas linhas de reparo permanecem visíveis, e essa é justamente a força de *Cabra Marcado para Morrer*: ao invés de maquiar as feridas, Coutinho permite que as cicatrizes se destaquem, celebrando-as como parte essencial de uma história de resistência, onde o que foi fragmentado se reconstrói sem ocultar o doloroso desmembramento.

Bibliografia:

CAMPBELL, Joseph. *Deusas: os mistérios do divino feminino.* 1 ed. Palas Athena, 2016.

BERNARDET, Jean-Claude. *Vitória sobre a lata de lixo da história.*

Citação/Citation: Prado, M. C. (2025). *O desmembramento em Cabra Marcado para Morrer. Trivium: Estudos Interdisciplinares* (Ano XVII, no. 1), pp. 129-132.

Recebido em: 01/03/2025
Aprovado em: 20/05/2025